



Aconteceu na reunião escolar: reflexões sobre encontros com a escola na Orientação à Queixa Escolar (OQE)

Jean Fernando dos Santos
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2010

SUMÁRIO

1	Introdução	2
2	A Psicologia e as suas queixas	3
3	A orientação à queixa escolar (OQE)	5
4	Como foi realizada a pesquisa?	7
5	Aconteceu na visita escolar	9
6	OQE e as visitas à escola	13
7	Considerações finais	16
8	Bibliografia	17
9	Anexo 1	18



1 INTRODUÇÃO

O encaminhamento de uma criança para um profissional de Psicologia produz consequências no que diz respeito ao olhar que a família, colegas e escola têm para essa criança. Em alguns casos, comportamentos ou dificuldades da criança que a princípio geravam só desconforto ou dificuldade de lidar por parte daqueles que convivem com ela passam a serem interpretadas como problemas graves, patologias¹.

Porém as consequências do encaminhamento que o profissional da saúde dá para a criança que é atendida por ele ainda são maiores. Sabe-se da confiança depositada pela família e por profissionais da educação em profissionais da saúde, sendo assim o efeito dos diagnósticos pode ser determinante para a vida escolar (e social) do sujeito.

Entendemos que seja só por receber um encaminhamento ou atender uma criança, ou quem sabe mandar um diagnóstico ou ainda visitar a escola, o/a psicólogo/a nessa relação sempre produz algum efeito. E esse efeito pode ser negativo, instituindo a idéia de um sujeito “fracassado” por não conseguir aprender, ou por possuir “uma família desestruturada”, ou por ser “imaturo” demais para adaptar-se ao meio.

Por outro lado, esse efeito pode inscrever a condição do quanto esse sujeito é capaz, desconstruindo uma visão de homem exclusivamente auto-determinado, presente também na educação, reconhecendo as contradições do ambiente escolar, bem como da sociedade, e suas influências na produção da queixa, sendo assim um efeito positivo.

O presente trabalho visa apresentar algumas experiências ocorridas nas visitas a escola no processo de OQE nas turmas do curso de aperfeiçoamento em 2008/2009, com intuito de pensar sobre o que aconteceram nessas experiências e sua importância no atendimento clínico infante/juvenil. Não temos a pretensão aqui de afirmar quais são os efeitos categoricamente, mas pensar a Orientação a escola e sua importância no processo de OQE.

¹As reflexões na introdução se fundamentam em Machado (2003, página 63).



2 A PSICOLOGIA E AS SUAS QUEIXAS

Uma série de pesquisas tem apontado para os atendimentos do público infanto-juvenil nas clínicas-escola, SUS e consultórios particulares como encaminhamentos oriundos de problemas relacionados com o ambiente escolar¹. Souza (2004, p.22) aponta a partir de dados de pesquisa realizada em oito UBS no município de São Paulo, em 1989, que 70% dos encaminhamentos de criança *em idade escolar para atendimento psicológico tinham como queixa problemas de escolarização*. A partir disso a autora conclui que a maior parte das queixas encontradas nos atendimentos, são queixas escolares.

É fato que a psicologia historicamente tem tratado esses encaminhamentos a partir da seguinte fórmula: A criança/adolescente chega com uma queixa, a partir dela inicia-se um processo psicodiagnóstico, o qual geralmente aponta o funcionamento psíquico do paciente que precisa ser trabalhado num processo geralmente longo que visa adaptação do sujeito para superação do problema. Geralmente, os encaminhamentos são psicoterapia/ludoterapia para criança/adolescente ou psicoterapia para os pais, considerando que um não exclui o outro. Ou seja, não se considera a presença da escola como participante na produção do fracasso. Conforme diz Souza:

“... as conclusões do psicodiagnóstico são todas no sentido de encaminhar os pais para orientação familiar, a criança para psicoterapia, e não fazem qualquer sugestão sobre estratégias de ação do professor ou da escola que minimizem as dificuldades de aprendizagem, motivo da queixa.” (2004, p. 29).

Ainda segundo a autora esses procedimentos da forma como são empregados expressam uma visão de mundo e de homem que considera o sujeito exclusivo responsável por sua condição. Ignora assim os funcionamentos institucionais² que estão implicados na produção de um problema de aprendizagem.

O modelo clínico psicológico ao interpretar a queixa escolar como produção exclusiva do funcionamento psíquico do sujeito influencia as concepções dos professores que a

¹Souza (2007) aponta ANCONA-LOPEZ, 1983; SILVARES, 1989; SOUZA, 1997.

²Souza (2007, páginas 241-279)



partir desse conhecimento irão entender os seus alunos e as famílias a partir de tal ótica, eximindo o papel da própria instituição na constituição desse lugar de fracassado no qual a criança está colocada.

Dessa forma as possibilidades de atuação do professor ficam submetidas a uma visão limitada e problemática, que uma vez ancorada e fundamentada na ciência como problema psicológico, reduz possibilidades de atuação criativas no sentido de atender uma demanda da própria diversidade humana. Vendo desse jeito, tal visão não considera o entendimento de que uma escola melhor, pode ser melhor para todos os alunos, tendo problemas de ordem constitutiva ou não.

Souza (2004) diz que *“a maioria dos psicólogos que emitem laudos psicológicos a respeito das crianças com dificuldades escolares desconhece a força desse instrumento no meio escolar”*. A autora cita ainda que em apenas 5,8% dos casos na sua pesquisa, os psicólogos realizaram alguma orientação com o professor que encaminhou a criança.

Vemos assim que a presença do psicólogo tem fomentado uma visão de mundo pautada num modelo psicologizante ou medicalizante do atendimento à queixa escolar. As questões institucionais, preconceitos sobre crianças das classes populares e suas famílias, não tem sido levado em conta na avaliação psicológica. (SOUZA, 2004, p. 35)

Entendemos também que a interlocução com a escola das crianças que são atendidas em serviços de psicologia não é uma prática na psicologia tradicional e tem mostrado os seus efeitos. Veremos a seguir a proposta da Orientação a Queixa Escolar que busca atuar também diretamente em fatores ambientais relacionados com a produção da queixa.



3 A ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR (OQE)

A orientação à queixa escolar é uma modalidade de atendimento em psicologia que visa a compreensão do fenômeno apresentado na queixa a partir dos conhecimentos da área clínica, escolar e social, sobre a realidade e os processos de subjetivação que ocorrem na relação com determinado lugar: a instituição escolar.

Reconhecendo o humano como ser social (BOCK, 2000), que se constitui também a partir da objetividade que se expressa nas circunstâncias da vida, com suas relações e contradições, entendemos que a escola, e especialmente a escola básica, é um lugar privilegiado na construção do sujeito.

Assim sendo, compreendemos que não é adequado atuar num atendimento infanto-juvenil, principalmente quando esse se apresenta como consequência de algo produzido na relação de aprendizagem, sem implicar a instituição escolar nesse processo, trazendo sua responsabilidade na produção e contribuições na superação da queixa.

A abordagem é estruturada a partir dos seguintes princípios técnicos:

- ***Colher e problematizar as versões*** de cada participante da rede (criança, família e escola);
- ***Promover a circulação de informações e reflexões*** pertinentes e integração ou confronto das mesmas dentro desta rede, propiciando releituras e buscando soluções conjuntamente;
- ***identificar, mobilizar e fortalecer as potências*** contidas nesta rede, de modo a que ela passe a movimentar-se no sentido da superação da situação produtora da queixa.¹

Nos atendimentos realizados no curso de OQE, a interlocução com a escola tem sido

¹SOUZA, B.P. (2007, páginas 102)



uma prática corrente e fundamental na realização do trabalho. Inclusive, aqui utilizamos prontuários de atendimento na OQE em 2008/2009 com a finalidade de pensar as experiências de visita escolar.

Segundo Souza (2007) o processo de interlocução com a escola é dividido em dois momentos: no início, quando é solicitado um relatório da escola com informações a respeito da vida escolar da criança e do ambiente escolar; e próximo ao fim dos atendimentos quando é marcada a visita na escola.

Nas visitas busca-se garantir a presença de professores e membros de instâncias decisórias da escola (coordenadores, diretores, etc). Souza (2007) apresenta os seguintes pressupostos e objetivos que orientam tal prática:

- *uma relação horizontal com os educadores, em que não pressuponhamos nossa superioridade diante desses profissionais, mas apenas nossa especialidade - com suas possibilidades e limitações;*
- *despir-nos dos freqüentes preconceitos negativos acerca dos professores, que não levam em conta as circunstâncias estressantes, precárias e desestimulantes em que geralmente desenvolvem seus trabalhos;*
- *ouvir sua versão da queixa, fazer perguntas que ajudem a esclarecê-la e pensá-la;*
- *perceber e valorizar seus recursos e esforços;*
- *levar informações e sugestões que possam contribuir para a criação de sentidos e caminhos em seu trabalho²*

Esses pressupostos e objetivos são referências fundamentais para os profissionais no sentido de orientá-los nesse processo, porém não descartamos as particularidades de cada caso, abrindo a possibilidade de se construir cada visita conforme as necessidades que surgem.

²SOUZA, B.P. (2007, páginas 110)



4 COMO FOI REALIZADA A PESQUISA?

A pesquisa de levantamento refere-se aos **Relatos de Visitas à Escola** no processo de OQE em atendimentos ocorridos em 2008 e 2009. Em cada ano foram verificados 8 relatos de visita, totalizando 16.

emos os relatórios na íntegra com intuito de ter uma compreensão maior dos casos relatados e em seguida analisamos os relatos de visita a escola. Construimos, então, a Tabela 1 (ANEXO 1).

Em cada relato buscamos responder a pergunta: “**O que acontece durante a visita?**”. Tais respostas, consequência da leitura atenta do relato, foram relacionadas em frases que descreviam as situações que aconteciam.

A partir das frases, com objetivo de organizar as informações, por um exercício de aproximação, *elencamos em categorias* as frases que indicavam situações similares.

Com as categorias elaboradas, realizamos uma releitura dos textos verificando a proximidade da categoria com os relatos.

Em seguida, foram montados dois gráficos, dos anos de 2008 e 2009 com as categorias em percentuais, indicando a presença delas entre os relatos pesquisados. Esses dados serão apresentados com apontamentos qualitativos, contextualizando os resultados considerando o processo de levantamento das informações. Ou seja, os dados serão apresentados com suas particularidades em perspectiva.

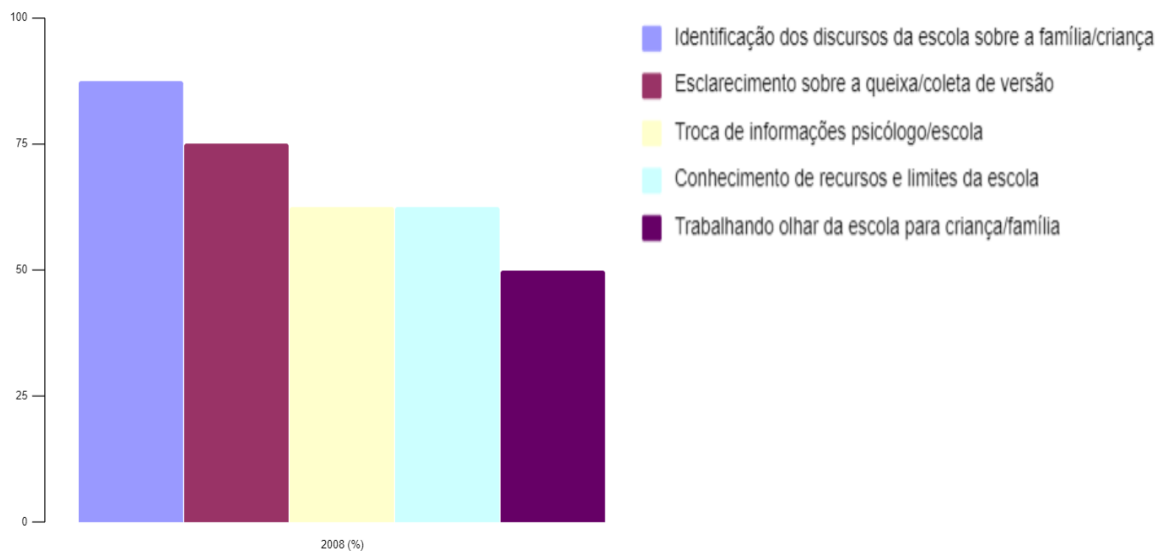


Figura 1: Gráfico 1 - Acontecimentos na visita escolar, por categoria, em 2008

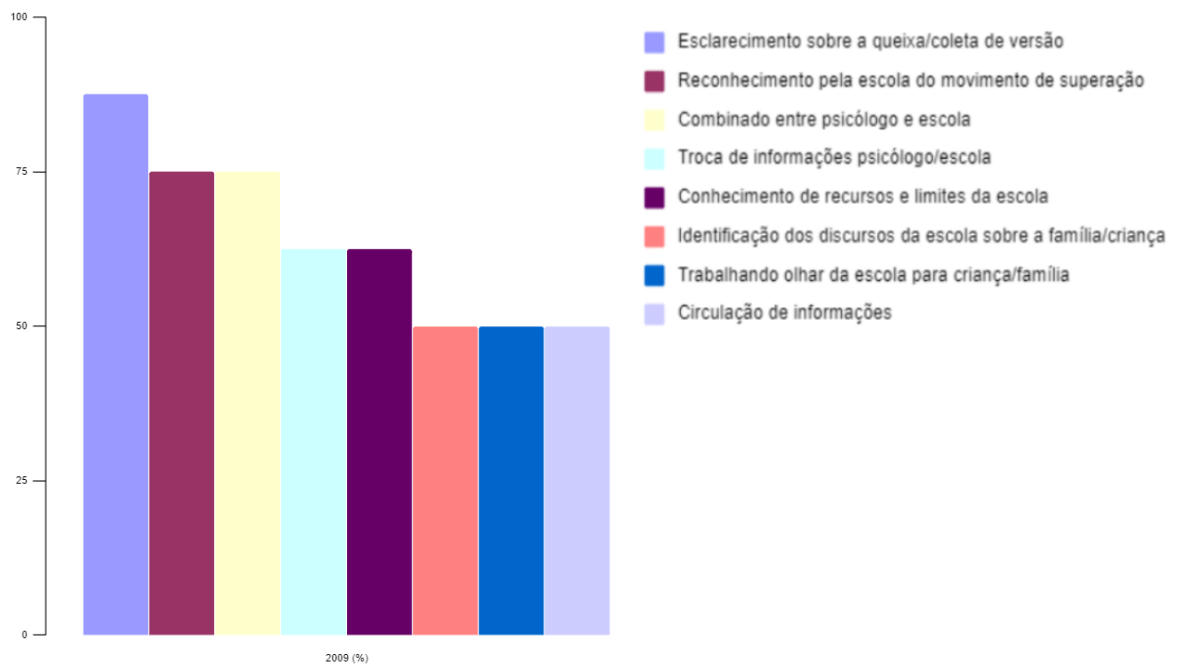


Figura 2: Gráfico 2 - Acontecimentos na visita escolar, por categoria, em 2009



5 ACONTECEU NA VISITA ESCOLAR

Ao apresentarmos os resultados do levantamento sobre o que aconteceu nas visitas escolares no processo de OQE não se está buscando comparar de forma simplista os dados indicando o que aconteceu com mais ou menos frequência.

Lembramos que no processo de construção desse trabalho esse nível de análise não caberia por não sermos capazes de levantar os fatos em seus detalhes, considerando que a coleta foi realizada a partir de relatos das experiências de outras pessoas que realizaram as visitas, as quais nem tivemos contato.

Além disso, devemos ressaltar que cada um, por mais objetivo que seja em seu relato, imprime um estilo pessoal, o qual seria alta pretensão e ausência de rigor científico tentar determinar no espaço desse trabalho. Em resumo, algumas coisas podem não ter sido relatadas simplesmente pelo entendimento do profissional de que não era importante para aquele caso ou por outras circunstâncias que não alcançamos aqui.

Outro fator que impossibilitaria uma análise dessa natureza nesse espaço refere-se a própria limitação na construção das categorias. Em si qualquer categoria já é limitada para expressão de uma experiência humana, em nosso caso, isso se acentua por não termos contato com aqueles que participaram do processo.

Dito isso, surge a questão: O que se pretende a partir do uso de tabelas e gráficos?

Buscamos utilizar as tabelas e os gráficos para visualizar o levantamento no que ele foi mais expressivo. Mas com isso não queremos que seja ignorado o caráter dialético das próprias categorias, pois ao mesmo tempo em que dizem e apontam uma referência do que são também apontam a possibilidade do que poderiam ser.

Sendo assim uma categoria, ainda que nos aponte um fenômeno, não pode negar a sua relação com outros fenômenos apontados por outras categorias.

Após tais apontamentos essenciais para o entendimento do nosso percurso, resta-nos indicar e discutir os resultados.



Apresentaremos as tabelas, e em seguida, indicaremos particularidades das principais categorias elaboradas, buscando trazer a nossa percepção da experiência nas visitas.

As tabelas referem-se as categorias presentes no levantamento dos relatos das visitas nos processos de atendimentos em OQE durante o ano de 2008 e 2009, respectivamente. E os gráficos apontam as categorias mais freqüentes, em cada ano.

Observamos que todas as categorias que aparecem entre as mais freqüentes em 2008, estão presentes em 2009. Discutiremos a princípio sobre essas categorias.

A categoria “**Esclarecimento sobre a queixa/coleta de versão**” foi a mais freqüente em 2009 e a segunda mais freqüente em 2008. Quando estabelecemos essa categoria, partimos de indicações no relato onde o/a psicólogo/a buscava compreender as circunstâncias relacionadas com a queixa, a história escolar da criança nessa escola e propriamente a versão desta. Percebemos que significa a postura ativa do/a psicólogo/a no sentido de buscar a gênese da produção da queixa enquanto produção coletiva, bem como ter informações a respeito dela, que ainda não estavam claras, preencher lacunas. Entretanto tal esclarecimento não pareceu ser unicamente para compreensão do/a psicólogo/a, também para escola que geralmente não se implica no processo.

Com “**Troca de informações psicólogo/escola**”, expressamos a busca com a escola de informações sobre a criança que não tínhamos por meio de outros canais, como por exemplo, questões pedagógicas, sobretudo em termos de reais dificuldades pedagógicas da criança, turma, escola, estratégias utilizadas que funcionaram. Também a forma que a criança se comporta no dia-a-dia da escola e como a escola reage diante de tais comportamentos. Além disso, fala sobre a oportunidade de colocar para escola as nossas experiências positivas com a criança durante os atendimentos. E apontar as contradições entre a criança na escola e em outros ambientes.

Já quando falamos em “**Conhecimento de recursos e limites da escola**”, indicamos outra possibilidade nesse encontro psicólogo/a e escola. A visita possibilita conhecer também a escola naquilo que ela pode ajudar a criança/família (e a si própria) na superação daquilo que a levou até o atendimento. E principalmente no que tange a aspectos objetivos, o funcionamento interno específico da escola naquilo que é passível de mudança. São experiências que se conhece a escola e se compreende o que é possível fazer e o que está fora de cogitação no momento.

A categoria “**Identificação dos discursos da escola sobre a família/criança**”, foi a categoria mais freqüente em 2008. Aponta a visão expressada pela escola sobre a família e a criança. Nos relatos, em muitas ocasiões aparecem permeadas por precon-



ceitos sobre as famílias e explicações sobre a queixa a partir da culpabilização deles. A identificação desses discursos nos relatos e atenção da sua importância na produção da queixa escolar orienta o trabalho do psicólogo no sentido de indicar o quanto esse olhar produz fracasso e o quanto ele pode ser equivocado.

Ao falar sobre a categoria “**Trabalhando olhar da escola para criança/família**”, indicamos situações que psicólogo/a por meio de informações, discussões, contextualizando a situação da família, da criança e da própria escola buscou trabalhar o olhar da escola sobre a criança e a família. A apresentação das condições objetivas e potencialidades atuais da família, criança e escola, conquistando uma forma de ver pautada numa compreensão maior por parte da escola.

As categorias a seguir apareceram de forma mais modesta nos relatos de 2008, diferentemente de 2009. Considerando sua importância, seguem comentários sobre suas particularidades.

No caso de “**Reconhecimento pela escola do movimento de superação**”, percebemos situações em que a escola já durante a visita (quando não, nos primeiros minutos de conversa) expressava reconhecer que a criança estava “melhor” em relação a queixa que a levou para o atendimento. Em diversas situações isso tornava a visita mais produtiva, mais focada em encontrar nos recursos da escola outras estratégias para auxiliar as crianças, ao invés, de serviços na área da saúde para crianças saudáveis.

A categoria “**Circulação de informações**” é uma categoria fundamental, e o nome é dado a partir da idéia oferecida por Souza (2007) quando fala sobre a abordagem em OQE. Nos relatos que analisamos, observamos sua presença em momentos que o/a psicólogo/a falava na escola sobre sentimentos da criança em relação àquele ambiente ou especificamente o que acontecia com ela lá, como os pais sentem-se diante das críticas da escola, ou mesmo apontando aspectos mais positivos como elogios feitos pela família a escola, sempre no sentido de aproximar a escola-família, escola-criança, unindo as forças para superação da queixa. Tais experiências na sua maioria pareciam produtivas.

A categoria “**Combinado entre psicólogo e escola**” foi considerada quando ao longo da visita foi determinado entre os presentes um plano de ação a partir da compreensão da produção da queixa e das possibilidades da escola, família, criança e do serviço de psicologia. Refere-se às situações nas quais o psicólogo percebendo os recursos positivos e a disposição da escola combinou com a escola o que fazer para auxiliar a criança ou tornar o ambiente melhor para as crianças.

Além dessas categorias, formaram-se outras com menor frequência, porém que de



alguma forma também apontam idéias a respeito das experiências na visita a escola. Tais como: **“Apresentação das produções da criança”**; **“Conhecimento da estrutura escola”**; **“Orientação para o trabalho da escola”**; **“Apresentação proposta OQE”**; **“Percepção das relações no ambiente”**.

Entre as 23 categorias, existem aquelas que tiveram pouquíssima expressão na quantidade total dos relatos, porém apontam para temáticas abordadas pelo/a psicólogo/a durante a visita. Essas temáticas diziam respeito questões relacionadas com a queixa que embora aparecessem em termos individuais poderiam ser olhadas a partir do coletivo.

Entre as temáticas (chamaremos de Categorias Temáticas) estão **“Problemática da rotatividade de professores”**; **“Desconstrução do olhar patologizante”**; **“Formação de Classes”**; **“Sobre o planejamento das Ações”**; **“Esclarecimento Processamento auditivo”**; **“Discussão da temática Gênero”**; **“Discussão ambiente físico x necessidades das crianças”**; **“Discussão sobre questões étnico-raciais dentro da escola”**; **“Discussão sobre o que fazer para superação da queixa”**; **“Discussão sobre estigmas/rótulos”**.



6 OQE E AS VISITAS À ESCOLA

Entre as categorias levantadas ao longo desse trabalho fizemos algumas aproximações com os princípios técnicos da abordagem em OQE apontados por Souza (2007): *Colher e problematizar as versões; Promover a circulação de informações e reflexões; Identificar, mobilizar e fortalecer as potências.*

Por exemplo, quando consideramos o princípio **Colher e problematizar as versões**, percebemos a possibilidade de relacionar com as categorias “Esclarecimento sobre a queixa/coleta de versão”; “Troca de informações psicólogo/escola”; “Identificação dos discursos da escola sobre a família/criança”; “Trabalhando olhar da escola para criança/família”; “Conhecimento da estrutura escola”; “Percepção das relações no ambiente”.

Essas categorias em seu conjunto expressaram que a atividade do/a psicólogo/a contemplava conhecer a versão da escola e sobretudo as visões que permeavam o discurso dela, esclarecendo o que a escola está pensando e falando sobre a criança/família, desvendando a trama, “a história não contada” ou não conhecida sobre a produção da queixa. Dessa forma surge a oportunidade de se colocar cada coisa em seu devido lugar, resgatando a responsabilidade real de cada uma das partes.

Com o princípio, **Promover a circulação de informações e reflexões** pertinentes e integração ou confronto das mesmas dentro desta rede, propiciando releituras e buscando soluções conjuntamente, temos as categorias “Troca de informações psicólogo/escola”; “Trabalhando olhar da escola para criança/família; “Circulação de informações”; “Apresentação das produções da criança” e todas as categorias temáticas.

Essas categorias expressaram a potencialidade do encontro psicólogo/a – escola em fazer a ponte escola – atendimento e promover o encontro escola-criança concreta e escola-família concreta. Despertar a atenção da escola e ampliar a compreensão para uma série de coisas que por vezes parece paralisada para perceber. A escola é feita de pessoas, na OQE, as visitas a escola em conjunto com os atendimentos e orientação de



pais abrem portas para o encontro dessas pessoas para se movimentarem além de conflitos e encontrarem uma solução para a problemática.

Sobre o princípio *Identificar, mobilizar e fortalecer as potências* temos as categorias “Conhecimento de recursos e limites da escola”; “Trabalhando olhar da escola para criança/família”; “Reconhecimento pela escola do movimento de superação”; “Combinado entre psicólogo e escola”; “Orientação para o trabalho da escola”.

Uma característica importante na visita, sem dúvida, é um agir refletido sobre o ambiente. Essas categorias apontam para essa atuação na rede da criança com intuito de identificar, mobilizar e fortalecer os recursos que podem auxiliar a escola, família e criança. As experiências mostraram que a iniciativa focada em possibilidade de soluções no sentido de fortalecer as potências alcança resultados positivos. Entre os 16 relatos, apenas 2 vezes, apareceram resistências por parte da escola em buscar em conjunto uma solução para queixa principal.

Com as relações Categoria – princípios técnicos que fizemos, não se quer negar outras possibilidades além das que vislumbramos, só buscamos aproveitar a oportunidade para pensar como esses princípios na prática têm de alguma forma se efetuado nas visitas escolares.

As *categorias temáticas* apresentadas, também são expressão da necessidade de considerar alguns temas que emergiram durante o atendimento e pensá-los junto a escola.

Entre eles, quero chamar atenção para uma categoria, sobretudo pela sua história, a “**Discussão sobre questões étnico-raciais dentro da escola**” a qual apareceu num único relato que contava a história de uma criança que se queixou durante os atendimentos porque suas colegas falavam que ela tinha “cabelo de Bombril”. A psicóloga trouxe a discussão na escola, que apresentou surpresa com a história, conforme relato da visita a escola transcrito abaixo:

“...oriento quanto a questão racial e como a aluna sente-se humilhada por outras crianças quando é apontado de forma pejorativa pela sua raça, cor, cabelo. Mostram-se surpresas neste momento e, inicia-se então, uma conversa produtiva, pois F., Coordenadora pedagógica, é afro-descendente e sensibiliza-se com a questão e exemplifica que vem tendo problemas com a filha de cinco anos no pré, a qual relata a mãe, ultimamente, vem sendo discriminada, principalmente, pelo cabelo...A professora de R (atendida), manifesta-se relatando: “coitada, ela não tem culpa de ter o cabelo assim”, enfim, deixa explícito suas concepções racistas, mas aos poucos tento sugerir como tais questões poderiam ser trabalhadas em sala de aula, de tal forma que os sentimentos possam ser expressos e acolhidos, principalmente os de humilhações racistas.”



Esse exemplo aponta para a necessidade de se abrir caminhos nas escolas para determinadas discussões que a escola não tem conseguido se colocar. A psicóloga, vindo a importância introduziu o tema e a partir disso surgiu uma discussão produtiva, vindo à tona concepções e reflexões a respeito do fato não somente no caso da criança, mas no ambiente escolar como todo. Além disso, surgiu uma oportunidade para se oferecer orientações para escola de como trabalhar a temática. Nesse caso, vimos uma discussão aparentemente positiva, a partir da experiência da visita.

As discussões apontadas nos relatos expressadas pelas categorias temáticas foram fundamentais, pois possibilitaram que problemáticas que afetam não somente a criança que estava em atendimento, mas a população escolar de modo geral pudessem ser tematizadas, discutidas, problematizadas e a partir disso, possibilidades de intervenção escolar foram pensadas.

Logicamente, sabemos da limitação da nossa ação na resolução de um problema produzido historicamente como a discriminação racial, mas questiono se no processo de OQE a visita não fosse uma estratégia, como poderia esse tema provocar tal repercussão? Enquanto psicólogos, por que nos limitar a somente adaptar os sujeitos a escola do jeito que ela é? Certamente, temos possibilidade de trazer outras contribuições como psicólogos clínicos.

Entendemos que as visitas orientadas pelos pressupostos e objetivos da OQE mostraram-se, em geral, positivas, por expressarem uma oportunidade significativa para o psicólogo atuar no ambiente que também é responsável pela produção da queixa e por se implicar na produção de uma visão de mundo que considere os funcionamentos institucionais e a própria prática do/a psicólogo/a como responsável pela produção do fracasso escolar.

As categorias apresentadas, como expressão de experiências podem ser referências para se pensar a preparação desse momento importante que é a visita a escola, considerando a particularidade de cada caso, pois afinal não se pode perder a dimensão singular de cada história com suas circunstâncias.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa do que aconteceu nos relatos de visitas a escola nos cursos de aperfeiçoamento em 2008/2009 e o seu processo de levantamento e categorização proporcionaram, mesmo com suas limitações, um contato com experiências de profissionais que estavam ao mesmo tempo atuando e aprendendo a aplicar princípios técnicos.

Essas experiências validaram a aplicabilidade dos princípios, uma vez que eles, a experiência da supervisora e o debate em supervisão são os principais norteadores técnicos para aqueles que se lançam nas visitas escolares.

Sem dúvida, a maior contribuição nesse trabalho é visualizar essa aproximação da referência teórica dada pelos princípios com a referência da experiência levantada nos relatos.

Porém acreditamos que entre nossas limitações está não ter abordado e exposto de forma mais profunda cada uma das categorias, indicando parte de suas histórias e discutindo teoricamente mais suas implicações na prática de visita a escola.

Reafirmamos que nosso objetivo abarcava apresentar o que aconteceu na visita a partir dos relatos e trazer a sua importância no processo de OQE, o que foi atingido.

Mas ainda sim, pensamos que é necessária a elaboração de outros trabalhos que apresentem uma amostra maior de prontuários e cada categoria de forma mais aprofundada, discuta as implicações e a utilização da experiência como novas referências em OQE, sem esquecer que qualquer referência não pode impedir o espaço para surgimento do novo.



8 BIBLIOGRAFIA

BOCK, A. M. B. *As influências do Barão de Münchhausen na Psicologia da Educação*. In: ____ *Psicologia e Educação – desafios teóricos – práticos*. TANAMACHI, E. ; PROENÇA, M. ; ROCHA, M. (org.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MACHADO, A. M. *Os psicólogos trabalhando com a escola: Intervenção a serviço do que?* In: MEIRA, M. E.; ANTUNES, M. (orgs.) *Psicologia Escolar: práticas críticas*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, v. 1, p. 63-86.

SOUZA, B. P. *Apresentando a Orientação à Queixa Escolar*. In____ SOUZA, B. P. (Orgs) **Orientação à Queixa Escolar**. Casa do Psicólogo: São Paulo 2007 págs. 97-118

-----*Funcionamentos escolares e a produção de fracasso escolar e sofrimento*. In____ SOUZA, B. P. (Orgs) *Orientação à Queixa Escolar*. Casa do Psicólogo: São Paulo 2007 págs. 241-279

Souza, M. P. R. *A Queixa Escolar e o Predomínio de uma Visão de Mundo*. In____ Machado, A. M. e Souza, M.P.R. (Orgs.) **Psicologia Escolar: Em Busca de Novos Rumos**. Coleção Psicologia e Educação – Casa do Psicólogo 2004 SP págs. 19 a 38.

----- *Prontuários revelando os bastidores: do atendimento psicológico à queixa escolar*. In____ SOUZA, B. P. (Orgs) **Orientação à Queixa Escolar**. Casa do Psicólogo: São Paulo 2007 págs. 27-58



9 ANEXO 1

Categoria	2008(%)	2009(%)
Apresentação das produções da criança	0	37,5
Apresentação proposta <u>OQE</u>	12,5	25
Circulação de informações	37,5	50
Combinado entre psicólogo e escola	25	75
Conhecimento da estrutura <u>escola</u>	0	37,5
Conhecimento dos recursos e limite da escola	62,5	62,5
Desconstrução do olhar patologizante	25	25
Discussão ambiente físico x necessidades das crianças	12,5	0
Discussão da temática Gênero	12,5	0
Discussão sobre estigmas/rótulos	12,5	0
Discussão sobre o que fazer para superação da queixa	12,5	0
Discussão sobre questões étnico-raciais dentro da escola	12,5	0
Esclarecimento Processamento auditivo	0	12,5
Esclarecimento sobre a queixa/coleta de versão	75	87,5
Formação de Classes	0	12,5
Identificação dos discursos da escola sobre a família/criança	87,5	50
Orientação para o trabalho da escola	0	37,5
Percepção das relações no ambiente	37,5	25
Problemática da rotatividade de professores	0	25
Reconhecimento pela escola do movimento de superação	37,5	75
Sobre o planejamento das Ações	0	12,5
Trabalhando olhar da escola para criança/família	50	50
Troca de informações psicólogo/escola	62,5	62,5

Figura 3: Tabela 1 - Acontecimentos na visita escolar, por categoria